

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Nação Xambá: memórias e configurações
De uma identidade “africanizada”**

Valéria Gomes Costa*

Resumo: O presente trabalho objetiva contribuir com a discussão acerca das construções de identidades africanas elaboradas pelos(as) adeptos(as) das religiões afrodescendentes, tendo como ponto de parte as narrativas das pessoas que pertenceram e/ou pertencem a uma determinada linhagem de culto, a Nação Xambá, que carrega em sua memória de configuração, enquanto culto africano, dois marcos: o primeiro, a construção de uma identidade de descendência de um grupo étnico da região ocidental da África: os Tchambá habitantes da atual Nigéria, Camarões e Senegal. O segundo, a possível viagem do engendrador desta prática de culto, Artur Rosendo Pereira à África, no início do século XX. A memória dos(as) religiosos(as), em relação à prática de cultuar orixás Xambá torna-se nosso ponto de partida para o estudo destas elaborações e ressignificações de uma identidade africanizada.

Palavras-chaves: Nação Xambá; memória; identidade.

Abstract: The present objective work to contribute with the quarrel concerning the constructions of African identities elaborated for adepts of the afrodescendentes religions, having as part point the narratives of the people who had belonged and/or belong to one definitive ancestry of cult, the Xambá Nation, that loads in its memory of configuration, while cultured African, two landmarks: the first one, the construction of an identity of descent of an ethnic group of the region occidental person of Africa: the Tchambá inhabitants of the current Nigéria, Camarões and Senegal. As, the possible trip of the engendrador of this practical of cult, Arthur Rosendo Pereira, Africa, in the beginning of century XX. The memory of religious, in relation the practical one of to cultuar orixá Xambá, becomes our starting point for the study of these elaborations and ressignificacion of africanized identity.

Keywords: Nação Xambá; memory; identity.

A busca por uma identidade africana, pelos(as) adeptos(as) dos cultos de orixás e/ou das demais práticas religiosas elaboradas a partir de narrativas de pertencimento ao mundo africano, vem sendo objeto de estudos em diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Lingüística e a História. Nessas abordagens, percebemos como ponto de interseção o debate em torno da apropriação e ressignificação da cultura e identidade africanas realizadas pelos grupos religiosos, isto é, da busca por uma África no Xangô/Candomblé. Segundo a antropóloga Stefania Capone (2004) a reconstrução dos vínculos rompidos com a cultura africana “original” e a afirmação da tradição, no Nordeste,

* Mestra em História/UFPE. Professora substituta no Curso de Licenciatura em História e nos Cursos de Especialização em Ensino de História e Ensino de História das Artes e das Religiões, ambos na UFRPE. Pesquisadora das práticas culturais afrodescendentes no Recife (PE).

passam pelo debate sobre o hibridismo cultural no Candomblé/Xangô, predominante na luta pela supremacia que opõe os terreiros entre si.

Por outro lado, a memória dos afrodescendentes sobre possíveis viagens que familiares descendentes da escravidão realizaram à África no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, narradas por religiosos, dirigentes ou simples membros dos cultos aos orixás tornaram-se fatores de legitimação quanto a “autenticidade”, “pureza” e a “africanidade” de alguns espaços religiosos, que passaram a se distinguirem de seus concorrentes a partir destas narrativas de construção de uma identidade africana. Ora pautada na descendência direta de grupos étnicos africanos, ora sedimentada nas possíveis viagens pós-escravidão realizadas por sacerdotes e sacerdotisas (CAPONE, 2004: 257-266).

Segundo Roger Bastide, a África passou a ser, após a escravidão, referência de “tradição”, “legitimidade”, “originalidade” para os religiosos que trazem em suas narrativas engendramentos de lembranças “reavivadas” acerca de suas possíveis heranças ancestrais. Estas vão ser tidas como resistência à sociedade moderna, às influências sutis do mundo dos brancos. As religiões africanas, assim, são representadas como retorno a “purificação”. Desta forma, estarão também presentes nas narrativas dos(as) adeptos(as) do Candomblé/Xangô discursos de práticas legítimas em detrimento de práticas híbridas, não tradicionais, ou seja, os rituais de jurema/candomblé de caboclo, que misturam em seus rituais as formas africanas, indígenas e católicas populares.¹

Por outro lado este movimento de “retorno” à África e/ou da busca por uma identidade africana nas práticas religiosas, mais visivelmente presentes no Candomblé/Xangô, apresenta-se mais de forma simbólica a idéia de tradição “pura” que deve ser reconstituída no Brasil (CAPONE, 2004: 265).

Assim, o presente texto se propõe, ainda que com muita brevidade, discutir as elaborações e reelaborações simbólicas dos membros da Nação Xambá, tradição de culto afrodescendente praticada em Alagoas e Pernambuco, que teve seu apogeu entre as décadas de 1930-1960, na empreitada de construção de sua identidade étnico-religiosa africana. Toma-se como ponto de partida, para estudar as elaborações e ressignificações de identidade africanizada, a memória das pessoas que pertencem ou pertenceram, em Maceió (AL) e Recife (PE), à prática de cultuar orixás Xambá.

¹ Entre as várias religiões afro-brasileiras, o Candomblé/Xangô, prática de cultuar orixás, é considerada como a elaboração “mais africanizada”. A Jurema também conhecida na Bahia como Candomblé de Caboclo, trata-se de uma prática que hibridiza formas católicas populares, indígenas e africanas em seus rituais.

Ano passado fui convidado pra ir pra Londres, Inglaterra é Londres né? não fui. Depois... primeiro, fui convidado pra ir pra Grécia, não fui, pra Buenos Aires. Fui convidado pra ir pra Inglaterra, não fui, minha vontade é de ir a Espanha, a Espanha não, a África.²

O relato de Pai Maciel, babalorixá com quase 97 anos de idade, conhecedor das práticas Xambá, nos faz pensar como a África e concomitantemente as possibilidades de viagens a este continente representam fator de relevante importância para os(as) religiosos(as) das tradições afrodescendentes. A África configura-se como território simbólico de busca de legitimação e autoridade para os(as) sacerdotes(isas) enquanto dirigentes de seus espaços religiosos. Enquanto para os demais membros do Candomblé/Xangô representa o fortalecimento de suas construções de identidades africanas, de um possível encontro com suas raízes étnicas. Sendo assim, uma forma de babalorixás, ialorixás e filhos-de-santo, simbolicamente, entrarem em contato com as fontes do conhecimento religioso, da tradição que foram fragmentadas pela diáspora e escravidão.

Narrativa presente na memória de construção da identidade coletiva de grupo, as idas e vindas da África, destes dirigentes de cultos africanos no Brasil, em particular entre os Estados da Bahia, Pernambuco e Alagoas, é relevante destacarmos as narrativas dos membros do Terreiro Santa Bárbara, localizado no Portão do Gelo, no bairro de Beberibe, na cidade de Olinda/PE, que se identifica como de Nação Xambá. Segundo os ‘xambarianos’, sua organização de culto é de uma linhagem/nação que descende de um povo que habitou os Montes Adamawa, na região ocidental da África, onde hoje estão localizados os países da Nigéria, Senegal e Camarões. Este culto teria sido trazido para o Brasil, pelo alagoano Artur Rosendo Pereira, que possivelmente teria ido à África, no início do século XX. Tendo conhecido a costa daquele Continente, conviveu com o povo Soba no Daomé (O CRUZEIRO, 1949). Os membros do Xambá no Portão do Gelo, ainda dizem que Pai Rosendo aprendeu com um senhor de nome “tio Antônio”, vendedor de panelas no mercado de Dakar/Senegal, as práticas do culto aos orixás,

A exposição dá uma idéia através de textos, de fotografias, de mapas e de objetos; da história da Nação Xambá desde a África passando por Alagoas até chegar na figura de Mãe Biu... Mas, o fato de a gente fazer essas pesquisas e descobrir algumas informações sobre as origens da Nação Xambá na África e em Alagoas e tal. O fato de a gente colocar em maior evidência o nome da Nação Xambá e isso é testemunhado por várias pessoas da própria Casa, que antes pouco se falava como eu disse: havia uma consciência, todo mundo sabe que a Nação era Xambá, mas ninguém tratava a Casa como a Casa Xambá, o Terreiro Xambá, era sempre tratado como a Casa de Mãe Biu, o Terreiro de Mãe Biu, o Xangô de Mãe Biu. Então o fato de a gente fazer essas pesquisas, descobriu mais informações que as

² Entrevista com José Benedito Maciel, o Pai Maciel. Ele foi iniciado no Xambá, mas hoje é de Nação Ketu. Bairro Ponta Grossa, Maceió/AL, 28/02/2007.

*As pessoas não tinham e o fato de a gente colocar sempre em mais evidência essa questão da Nação, fez com que esse nome se tornasse mais em evidência. E hoje em dia, pelo menos as pessoas de fora, os estudiosos quando se referem a nossa Casa, embora é claro, a referência a Mãe Biu continue muito forte, mas hoje a identidade Xambá é muito mais evidente.*³

As palavras de Hildo Leal da Rosa nos levam a pensar nas estratégias criadas e recriadas pelas pessoas do Terreiro Santa Bárbara para legitimarem seu espaço religioso também como tradicional, no que diz respeito à construção de identidade africana. No entanto, esta construção de identidade africana é colocada, de certa forma, em choque com uma configuração anterior: a do território de Mãe Biu, Ialorixá que por meio de suas ações, constituiu-se como autoridade local, passando a ser confundida em poder com o próprio nome da Nação e com o território onde o terreiro estava assentado, localizado. Para Certeau, os nomes se empoderam e constituem-se como autoridade local. Ao atribuir significados e nomeações aos lugares ou não-lugares, as pessoas estão impulsionando movimentos, à maneira de vocações e chamados que acabam dirigindo ou alterando o itinerário, dando-lhes sentidos, direções anteriormente imprevisíveis (CERTEAU, 1994: 184-186). Deste modo, o nome Mãe Biu passou a representar poder e autoridade no Portão do Gelo - Beberibe.

No entanto, vamos ter aqui duas identidades, não antagônicas, mas concorrentes, que se tornam complementares. Por um lado, Mãe Biu, nome que autoriza o lugar, que torna aquele espaço religioso referência no bairro por meio de suas ações.⁴ De outro lado, Nação Xambá, nomeação que territorializa os sentidos e significações de pertencimento ao universo africano. Dando maior visibilidade a simbologia de africanidade, ganhando maior importância a partir do momento em que esta legitimação de herança africana é colocada em cheque. Mãe Biu, por sua vez, passou a ser a representante de maior destaque da Nação Xambá “no Brasil”, quando cantaram:

Oh, Xambá, Oh, Xambá
 Olorum te consagrou
 Com a força de Oyá
 Oh Mãe África ôôô
 Berço de culturas
 Ritos e tradições
 Vindos da Costa do Ouro
 Chegaram no Brasil essa Nação

³ Relato de Hildo Leal Rosa, filho-de-santo do Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá. Recife, 16/01/2006.

⁴ Na documentação pesquisada encontramos notas fiscais de estabelecimentos comerciais que utilizam o Terreiro Santa Bárbara como ponto de referência geográfica no bairro de Beberibe. Cf. LAPREMOCIMENTO LTDA – Forro, Piso e Coberta. Recibo de compra de material de construção 19/02 e 26/02/1987; FOPEL – nota fiscal de assistência técnica, 25/05/1984. Ambos os documentos comerciais referem-se ao terreiro como ponto de referência no bairro, mencionando “Casa do Xangô” ou “Centro de Mãe Biu”. Acervo do Memorial Severina Paraíso da Silva – Mãe Biu. (COSTA, 2006).

Com a licença dos orixás
 Gigante vem fazer saudação
 Ora iê iê ô, Ogunhê
 Epahei, Odô mio
 A Xangô kabecilé, (BIS)
 A Nana, salubá
 Atotó
 Axé
 Tem feitiço, tem mandinga
 Magias, crenças e cantos
 Rituais, invocação
 História e Religião
 Valeu Maria Oyá
 O povo vai sambar (BIS)
 Taí Mãe Biu
 A Nação Xambá
 Bate forte bateria
 Que a baiana quer girar
 E mostrar toda energia (BIS)
 Do Ylê Axé Oyá⁵

Constituindo-se como pertencentes a um grupo étnico, a um povo africano, a identidade dos membros do terreiro é engendradora, afirmada. O nome de Mãe Biu foi substituído pelo nome Nação Xambá para identificar aquela comunidade, parte de um povo africano. Ela passou a representar a maior líder deste mesmo povo, bem como mantenedora de uma linhagem de culto religioso de tradição. A Nação Xambá propagava-se nos espaços sociais, por meio do nome de Mãe Biu, a Ialorixá foi, deste modo, agraciada como representante da Nação Xambá em Pernambuco.

*A gente notava através das pessoas que pertencem às nações Ketu e Jejê, que eles costumavam se tratar como nação. Quer dizer: nós somos nação e o restante das outras casas de candomblé ligadas ao Nagô, ao Xambá, no nosso caso, eles não consideravam a gente como nação, é claro, nos reconheciam como uma casa de culto aos orixás. Mas não, eles enchiam a boca para falar de si mesmos, o pessoal de Ketu e do Jejê. E a gente sempre achava isso estranho: por que eles se acham uma nação e a gente não? Nós somos também uma nação. Eles são da nação Ketu, ou da nação Jejê, ou da nação Nagô, e nós somos da nação Xambá. Quer dizer: era uma espécie, de fato era, de a gente também se afirmar. Somos sim uma nação de candomblé, Xambá, denominada Xambá. Temos nossos próprios rituais, temos nossa própria tradição [...] Afinal de contas nós tínhamos uma identidade, nós tínhamos uma identidade, rituais próprios, temos tradições próprias, somos também uma nação.*⁶

A afirmação como parte integrante da cultura africana que resistiu a todas as estratégias dos grupos sociais hegemônicos para solapá-la, ocorreu paralela ao processo de

⁵ *Xambá – da África a Pernambuco (cultura, ritos e tradições)*. Samba-enredo da Escola de Samba Gigantes do Samba, Carnaval 2005. Letra: Peixe, Mussolini, Paulinho e Henrique; Interpretes: Paulinho, Peixe e Aldair.

⁶ Entrevista com Hildo Leal Rosa, op. cit.

auto-afirmação religiosa no meio de seu grupo. Deste modo, a preocupação expressada por Hildo Leal Rosa em evidenciar a africanidade do Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá, outrora mais conhecido como Terreiro de Mãe Biu traz também a necessidade deste grupo religioso de se afirmar como povo, ou seja, como uma nação étnico-religiosa africana, por ter um conjunto de práticas rituais, tradições que configuram sua afrodescendência.

Segundo Bauman, a identidade é construída a partir do momento em que é negada, ou seja, as pessoas só “afirmam”, “forjam” suas identidades quando outrem a nega, sendo esta construção uma invenção e não uma descoberta (BAUMAN, 2005: 17-21). Desta forma, aparece no relato de Hildo a motivação que levou os membros do Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá, configurem sua africanidade, uma vez que era-lhe negada por outros grupos afro-religiosos, ou seja, por outras Casas de Candomblé/Xangô, que ao se afirmarem como “nação”, destituindo/discriminando a Xambá, desta categoria, negava também a participação desta comunidade (religiosa africana) unidas pelas idéias e princípios semelhantes.

Mas a história dos dois Afreketes né? porque assim, Afreketete é um vodum do Jejê, dos Fons e que é cultuado lá [Terreiro Santa Bárbara] e que foi perdido praticamente o culto e ela [Tia Laura] nos contou que já houve dois filhos e Afreketete lá, né? e ela disse a digina [nome] e tudo mais dos Afreketes.⁷

O relato acima nos remete as construções de identidades empreendidas pelos africanos anteriores à diáspora. Segundo Parés, as cidades de Uidá e Abomey (atual Benin) por serem centros cosmopolitas, apresentando grande circularidade de mercados, grupos humanos culturalmente diversos, passaram a representar para os grupos étnicos menores, território de construção de suas identidades meta-étnicas,⁸ ou seja, para resistirem a dominação ou ao subjugo de grupos étnicos dominantes, construíam suas identidades coletivas, ligadas a essas duas cidades. Assim, inúmeros grupos de africanos que aqui chegaram trazendo em suas narrativas identidades como iorubá, benguela, igbô, cassengue, monjolo, rebo, quiloa, ketu, entre outros, podem ter construído essas identidades em regiões nas quais havia uma predominância assim nomeada.

Com isto, ao falar da herança Fon, por meio de uma prática de culto ao vodum Afreketete, em sua narrativa, João Monteiro traz em suas lembranças uma possível perda, esquecimento do culto do vodum pelo Terreiro Santa Bárbara. Em sua narrativa, o fato de não mais existir filhos-de-santo que carregam em sua memória adeptos do culto, o pertencimento

⁷ Entrevista com João Amaro Monteiro da Silva, ex-filho-de-santo do Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá. Recife, 16/01/2006.

⁸ O conceito de meta-étnico segundo Nicolau Parés, significa uma construção de identidade étnica que pessoas ou grupos forjam a partir de contatos com outros grupos étnico-culturais dominantes. Esta estratégia de grupos menores é vista como uma forma de resistência a dominação e ao subjugo. (PARÉS, 2006: 23-29)

ao vodun Afrekete,⁹ pode ser lido como uma perda de referencial da africanidade do grupo. Por outro lado, a plausível “perda” do culto ao vodun, representa uma estratégia do próprio Terreiro de seus mecanismos de recriação cultural. Possivelmente não se fazia/faz necessário evidenciar tal culto para afirmar a africanidade da casa. Vale ressaltar que outros fatores vão (re)surgindo para a configuração da identidade coletiva.

Contudo, a memória dos religiosos que reivindicam uma identidade africana, suas estratégias de engendram “tradições”, “autenticidade”, “pureza”, ressignificações de culto, podem ser lidas dentro de uma perspectiva processual da história sócio-cultural no Brasil. Isto não significa, no entanto, anular as construções de possíveis continuidades com o Continente africano, mas enfatizar os processos culturais, as continuidades e as descontinuidades que no contexto colonial foram reestruturadas em algumas de suas práticas rituais. Por fim, torna-se instigador pensar em como a memória que configura a identidade coletiva do grupo, vai sendo operada em acordo com os acontecimentos presentes: modismos, trânsitos culturais e, as informações passadas por intelectuais, que influenciam de uma forma ou de outra, na constituição da identidade destas comunidades.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994, (v. 1).
- COSTA, Valéria Gomes. **Nos arrabaldes da cidade: práticas de apropriação e estruturação dos espaços no subúrbio do Recife pelo Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá (1950-1992)**. Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 2006.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Mato Grosso: Editora da UFMT, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. **Memória e história: idéias. O tempo e o cotidiano na História**. São Paulo: FDE, 1993.

⁹ No Candomblé/Xangô os(as) adeptos(as) são filhos de orixás, ou seja, cada pessoa tem um orixá que o rege (o principal – dono da cabeça do praticante) além de outros orixás, que segundo a narrativa destas práticas religiosas vão aproximando-se dos iniciados. (SEGATO, 1995; VERGER, 2002).